Participamos da LCAW contribuindo com debates sobre mecanismos financeiros inovadores e levando as percepções do mercado de capitais brasileiro

Representamos o mercado de capitais brasileiro na **LCAW** (London Climate Action Week), de 20 a 26 de junho. Formada por dezenas de eventos paralelos, os debates da **semana do clima de Londres** destacaram a necessidade de **ampliar projetos financiáveis e mobilizar capital privado para clima e natureza**. Nossa participação no evento faz parte das ações da Rede ANBIMA de Sustentabilidade e da agenda institucional do **ANBIMA em Ação**, conjunto de metas que elegemos como prioritárias para este ano.

No fórum, também ficou clara a necessidade de colaboração: os debates, os encontros e as conexões durante o evento mostraram como as "semanas do clima" são valiosas para conectar diferentes atores da agenda de transição: governos, bancos, gestoras, organizações filantrópicas, ONGs, OSCs, projetos. Se a COP 30, no Brasil, convocou um "mutirão" de esforços globais e locais para acelerar a transição climática, eventos como a LCAW criam oportunidades de cooperação dos agentes do ecossistema para a construção de iniciativas concretas.

Nossa atuação na LCAW incluiu a promoção de um evento próprio e o apoio a um fórum focado em investimentos climáticos, além da contribuição em debates diversos. Confira os principais destaques:

Setor financeiro unido na transição

"Por muito tempo, clima e finanças estiveram em esferas completamente separadas e tinham enorme dificuldade de conversar entre si. A COP 30 buscou aproximar esses dois mundos e reforçamos esse compromisso na Semana do Clima de Londres", afirmou Ana Toni (foto), CEO da COP30, na abertura do evento que realizamos em uma parceria **Anbima**, **CNseg** (Confederação Nacional das Seguradoras), **Febraban** (Federação Brasileira de Bancos) e **Unep-FI** (Iniciativa Financeira do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente).

Ana Toni, CEO da COP 30, em abertura do evento "COP30 to COP31 leadership dialogues: scaling finance and insurance for global impact"

Segundo a executiva, hoje o setor privado responde por 20% do financiamento climático, parcela que precisa avançar para, no mínimo, 50%, já que os recursos públicos não serão suficientes para a transição. **Cacá Takahashi (foto)**, nosso diretor e coordenador da Rede ANBIMA de Sustentabilidade, reforçou esse posicionamento, pontuando que o mercado de capitais tem papel único ao conectar investidores globais à economia real e canalizar capital para projetos sustentáveis.

Cacá Takahashi, nosso diretor e coordenador da Rede ANBIMA de Sustentabilidade, em painel no evento promovido por Anbima, CNseg e Febraban durante a Global Roundtable da Unep-FI

Os debates reforçaram que o Brasil tem papel de destaque nessa conversa: como anfitrião da COP30, deve fortalecer seu próprio ecossistema de finanças sustentáveis, além de compartilhar lições práticas com outros mercados emergentes que enfrentam desafios semelhantes.

Isso também se conecta à jornada da COP30 para a COP31, em que o grande desafio é transformar ambição em entregas reais e em economias mais resilientes. Uma peça-chave desse quebra-cabeça é como utilizamos instrumentos catalíticos e de mitigação de risco (de-risking) para tornar projetos mais investíveis, reduzir riscos e alinhar melhor os investimentos às prioridades de cada país, sobretudo em mercados emergentes.

The World Climate Investment Summit

Nossa participação avançou pelo fórum promovido pela **WCF** (World Climate Foundation). Discutimos quais mecanismos financeiros inovadores podem viabilizar investimentos sustentáveis em agricultura e uso da terra em mercados emergentes, principalmente sobre conservação, restauração e manejo do capital natural como investimentos produtivos.

Mesa-redonda "How innovative mechanisms can help scale up sustainable investment in emerging markets"
promovida pela Anbima durante o World Climate Investment Summit, na LSEG (London Stock Exchange)

Segundo os debates, isso passa por três grandes desafios: falta de dados e métricas robustas de impacto; projetos pequenos e fragmentados, ainda pouco atrativos para investidores institucionais; e risco, principalmente cambial, que afasta o capital internacional.

Uma das soluções é fazer com que as oportunidades baseadas na natureza se tornem ativos financiáveis por meio de divulgações mais claras, formação de pipelines em escala e com uso de estruturas de blended finance e mitigação de riscos. Outro caminho possível é investir em parcerias locais e conhecer os territórios para analisar os riscos reais. Programas públicos que atuem como formadores de mercado para catalisar capital privado e doméstico também são boas saídas.

Analisando o caso específico da agricultura, que era o setor em foco na mesa que promovemos, tão relevante para o nosso país e para o mundo, tratamos de formas de avançar em adaptação e resiliência com mecanismos como seguro paramétrico (indeniza com base na intensidade do evento que causou a perda, como chuva ou terremoto), microcrédito, combinação de créditos de carbono com financiamento e a importância de tornar pequenos produtores visíveis ao sistema financeiro.

Natureza em foco

A urgência de acelerar investimentos em natureza e na necessidade de criar condições para mobilizar capital público, privado e filantrópico para a agenda climática foi o tema principal da mesa-redonda "Mobilising capital for nature" (foto), na qual fomos representados por **Luiz Pires**, nosso gerente de Sustentabilidade e Inovação.

Mesa "Mobilising capital for nature", realizada durante a semana do clima de Londres

Mais uma vez, o Brasil esteve em destaque: o relatório Gaining ground: state of private investment in nature 2026, da Forest Trends e The Nature Conservancy, mostrou crescimento dos investimentos em natureza US$ 60 bi atualmente, com US$180 bi comprometidos. A maior parte concentra-se em florestas e agricultura e a América Latina, especialmente o Brasil, lideram o volume.

O debate também passou pelas principais barreiras para mobilizar capital para natureza, como a falta de alinhamento entre políticas, finanças e empresas; projetos com baixa replicabilidade; métricas divergentes; percepção de risco elevado; e falta de padronização de linguagem entre oferta de projetos, especialmente para atender as exigências dos investidores.

Nas oportunidades, falou-se sobre a necessidade de fortalecer projetos para atender demandas dos investidores: transparência, dados, retorno e tempo para recuperar o capital investido.

Em toda essa conversa, ficou claro que bancos e seguradoras têm papel essencial: podem mobilizar os demais atores necessários para as operações, atuar no de-risking (mitigação de riscos das

operações financeiras) e alavancar fundos públicos ou filantrópicos para atrair capital privado.

Saiba mais: a publicação **The leading role of Brazilian forests in the global agenda**, do Instituto Arapyaú, apresenta dados, desafios e oportunidades em conservação e restauração florestal. O documento reitera a importância de transformar capital natural e soluções baseadas na natureza em classes de ativos altamente atrativas para o mercado financeiro, gerando desenvolvimento socioeconômico das comunidades.

O financiamento da transição em países emergentes

Como mobilizar capital privado para a transição verde em mercados emergentes foi uma das principais discussões durante a LCAW e, em especial, no painel (foto) promovido pela WCF, State of Green e Impact Fund Denmark, no qual fomos representados por Cacá Takahashi, que levou as percepções sobre o mercado brasileiro.

Painel “Responsibility, risk and reward: who will finance the green transition in emerging markets?”, promovido durante a LCAW

Segundo os debates, a resposta para essa pergunta passa por uma virada de chave: é preciso sair do modelo de “ajuda” aos países emergentes e avançar para o “investimento” neles. O caminho passa também por usar mecanismos de finanças mistas (blended finance), combinando recursos públicos, filantrópicos e privados para reduzir riscos e viabilizar projetos. Nesse cenário, deve haver um forte papel do setor público, de bancos multilaterais e de instituições financeiras de desenvolvimento oferecendo garantias, criando instrumentos financeiros e construindo confiança para o mercado.

Segundo os debatedores, o principal desafio não é falta de capital, mas, sim, de projetos estruturados, escaláveis e investíveis. A solução inclui desenvolver plataformas de país, fortalecer mercados locais e usar capital concessional de forma estratégica para destravar investimentos e atrair investidores institucionais no longo prazo. Em suma, é preciso alinhar políticas públicas, capacidade de projetos e oferta de ativos investíveis.

Problemas globais, soluções locais

Outro tema que ficou em foco na semana do clima foi o papel das country platforms, ou "plataformas de país". São mecanismos criados de acordo com as necessidades de cada região para mobilizar fontes de financiamento locais e internacionais e, com isso, alcançar objetivos compartilhados de clima e desenvolvimento.

Elas têm amplo impacto, pois podem servir de apoio para a criação de políticas públicas e de planos setoriais de transição, até mesmo estarem vinculadas aos planos implementação das NDCs (metas climáticas dos países do Acordo de Paris).

Um exemplo brasileiro de "country platform" foi destaque: a BIP, Plataforma Brasil de Investimentos Climáticos e para a Transformação Ecológica, que chamou atenção no Climate Innovation Forum e no GCBC (Global Capacity Building Coalition) London Forum & Reception.

Segundo os debates, as country platforms são essenciais para organizar investimentos de forma estruturada, conectar instrumentos e atores, acelerar reformas que destravam projetos (como garantias e offtakes) e otimizar o uso do capital catalítico. De quebra, também ajudam a reduzir a fragmentação entre iniciativas.

Saiba mais: **conheça a BIP**, os projetos e fundos em captação de recursos e os que já estão em implementação.

Brasil em foco

O Eco Invest Brasil também foi destaque da LCAW como exemplo de financiamento climático. O programa usa o modelo de blended finance para mobilizar capital privado para a transição sustentável. Ele foi apresentado em um evento sobre as oportunidades de investimento em setores estratégicos de baixo carbono, incluindo fertilizantes verdes, bioinsumos e biocombustíveis avançados.

O encontro mostrou como o Nordeste brasileiro é um hub estratégico para investimentos industriais de baixo carbono, destacando seu potencial competitivo baseado em energia renovável e infraestrutura logística.

Também foram abordadas as tendências globais de descarbonização e o movimento de powershoring (estratégia de atrair e instalar indústrias para países com energia limpa e segura), com oportunidades em setores como fertilizantes verdes, biocombustíveis avançados e bioinsumos.

A apresentação do 5º leilão do Eco Invest Brasil detalhou o desenho da nova fase do programa, que é focada em inovação tecnológica, e inclui instrumentos de financiamento como fundos de inovação, linhas de crédito e mecanismos de mitigação de riscos para atrair capital internacional.

Saiba mais: conheça o 5º leilão do Eco Invest e as oportunidades que ele abre para o mercado de capitais brasileiro em evento realizado na Anbima, junto com o Tesouro Nacional e o Ministério da Fazenda.

Conheça o ANBIMA em Ação 2026

O ANBIMA em Ação 2026 é o conjunto das principais iniciativas estratégicas da associação para este ano. Esse planejamento está ancorado em três frentes principais: desenvolvimento de mercados, institucional e transformação. **Confira o plano completo**.

Fonte: Anbima, em 02.07.2026.